

O DELINQUËIR DO DELÍRIO: (Manoel de Barros e a poesia)

José Carlos Pinheiro Prioste

Poesia é a loucura das palavras (CUP).

Loucura não como alienação, seja enquanto *transferência de um bem ou direito a outrem* ou o *processo em que a consciência se torna estranha a si mesma*, mas como delírio. Este se define como uma convicção sustentável apenas por uma pessoa adversa ao pensar prevalente, que sustém ilações que não são intrínsecas ao que se conhece como realidade e que certifica seu asseverar somente em crenças ínsitas. A distinção do delírio em relação ao alucinar se estabelece por não depender das impressões sensoriais e por se apoiar em concepções que se sustentam mais em um crer, pessoal e contrário ao consenso coletivo, que no com/provar. Delirar tem por etimologia o apartar-se do sulco da charrua, veículo de tração animal para o transporte de pessoas socialmente importantes e que na Gália medieval passou a ter a função de rasgar o solo com o fim de revolver e afofar a leiva, a elevação de terra entre sulcos. Daí o sentido de sair da linha, da ranhura humana, que posteriormente passa a significar a eversão da razão.

A poesia, ao menos a que se denomina como *moderna*, não se conforma ao senso usual ao qual subsume a definição convencional de delírio, pois não somente recusa uma autonomia em relação ao sensorial, que seria o traço diferencial entre o delirante e o alucinatório, assim como parece congruar com o alienamento, enquanto um sentir/pensar, no qual a consciência se torna estranha a si mesma. Se estranho significa o *que é de fora*, portanto, o que não pertence ao que se situa dentro de um interior encerrado em seus limites, tal acepção confere atributos que separam diferencialmente o outro situado fora do círculo como o alheio, o insólito, o inusitado, o que seja passível de suspicácia. Esse excluir, não deixar entrar, remete à centralidade do identitário como fundação, pela exclusão, do que seja separado como excêntrico, ou seja, o que se situa fora do centro, quando não coincidem os centros de dois círculos.

A *poiesis* enquanto fazer não se estreita ao domínio do produzir, executar, realizar. Estes, por sua vez, diferenciam-se do fazer poético quanto à concepção dominante que prega o realizar atinente à concretização efetiva no existir, o produzir, não como um conduzir para diante, mas um executar utilitário como um efetuar, levar a efeito, produzido por uma causa. Este divergir da *poiesis*, o não se vergar ao jugo do que é vantajoso pois que *infrutuoso* e fantasioso, o restringe à margem do decisivo, do imperativo e do injuntivo que dirige o existente sob um dominioso perfazer enquanto conclusiva execução de um produzir proveitoso e lucrativo. Existir, no entanto, é elevar-se acima de, aparecer, deixar-se ver, mostrar-se; sair de, provir de, nascer de; apresentar-se, manifestar-se; ser; consistir, resultar. O elevamento acima do ordenamento objetivo, ação de colocar adiante, que rege o mundo funda o deixar-se ver da *poiesis* como um a/presentar-se, um resultar não como efeito resultativo ou conclusão lógica, mas um saltar para trás que é um não concordar com, não caber em,

não se ajustar com; resistir e opor-se. Daí o estranhar-se a si mesmo que constitui o modo *alienante* do poético enquanto delirante consistir sob a ótica dominante. A *poiesis* nesse resistir à mundanidade do que é imperioso responde em seu mostrar-se como uma delusão. Se esta é uma ilusão afetiva, sensitiva ou intelectual, uma perturbação, uma alucinação, um engano, um logro, um delírio avesso à razão, o i/ludir não se subjuga somente ao que causa ilusão como um enganar-se, mas o jogar com, o divertir-se, o recrear. *Portanto*, o imaginar. O poeta é um fingidor e como tal joga com o imaginante por não se ajustar à regência do real enquanto administração (não a ação de prestação de ajuda) e gerenciamento do produtivo, do haurível e do exeqüível. Gerir, entretanto, é andar com, ter consigo, produzir, criar, fazer. Tal recolha acolhe um outro viger que se junta à *poiesis* pelo viés do imaginal. E não do agir como um operar produtivo. Assim tanto o desvio do linear traçado do sulco no lavrar como o alienar (afastar) da *ratio* seja enquanto cálculo, conta e registro ou um metódico e seqüencial cogitar definem-se como **delírio**. O deliramento do devaneante é um divagar e neste vagar (concorde com a etimologia...) voga um estar vazio de quem não possui ocupação e é um ser livre. A vaziez do ser vagante não concerne (mistura-se) ao lineamento de um saber que abjura o sabor (o senso, o sentido...) em proveito de um *télos* cuja linha somente aponta para um único direcionar: a seguridade dos conceitos. Estes significam tanto a ação de conter como o ato de receber, a germinação, o fruto, o feto, o pensamento.

Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina. No osso da fala dos loucos há lírios (GA).

A contenção do conceitual pode ser entendida como contenda ou o encerrar. O conceituado cerra a passagem de qualquer diversidade de sentido que se diferencie do centro de concepção da ação de conter. Então a recepção, como fundamento para que frutifique o motivo do pensar, se estabelece por um contender contra o que contém aquilo que não consolide o saber como um conhecer seguro, sólido e sóbrio. A cautela e precaução do conceituar, entretanto, terminam por transformar o pensamento em um acervo de certezas.

O jurisdicionar do dicionário se atém ao contido, retido e conservado no conceitual. O poeta, no avesso desse saber, prova não para aprovar e comprovar a propriedade sapiencial, mas experimentar a sensação como o fato de compreender e não do prender a que se atém o conter. Assim passa a língua em seu sorver na voracidade de quem sente através de um perceber e observar não servil à continuação contida na impressão do conceituar, a impresciência do impressentido de um outro pensar. Por não com/participar da celebração que con/corre no en/cerrar do conceituar o poeta alucina.

Alucin(o)- é um elemento de composição derivante do grego *alúo*, estar fora de si, perplexo, vaguear. O estar fora de si é similar à consciência que se torna estranha a si mesma tanto no ato de se conhecer assim como o ser que não se reconhece mais na identidade fixa do identificado na conceitualidade do identitário. Perplexa é a atitude do poeta diante de tudo, daí o espanto como um pasmo (a ação de puxar a espada) diante do irresoluto, não como o que não se resolveu, mas como o indissolúvel que não se

pode desunir. O sinuoso da *poiesis* é um hesitar confuso, que con/ **funde** , por não se deter diante do lucidar enquanto um esclarecer que não vela o re/velar como um complexo (que cerca e abarca) intercalar com a ocultação que se dissimula, que se finge em seu dizer. Daí o indeciso entre o ser e o não ser do vaguear, do estar vazio.

Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer nascimentos – O verbo tem que pegar delírio (LI).

Poesia no dizer barroiano é voz. Se esta é no designar do dicionário o som em vibrações, e estas são a ação de brandir, que por sua vez significa mostrar uma arma de modo ameaçador e que se origina do radical germânico *brand* , tição e por extensão lâmina da espada, no entanto a vocação poética é um convite não ao bradar do tagarelar ou à intimação ao digladiar, mas ao vocativo, o dirigir a palavra a alguém. Vibrar, então, não se circunscreve ao lançar do dardejamento e sim o agitar rapidamente, sacudir, tremer, luzir, cintilar. Ao luzido de centelhas de sons resplandece o ser humano. A *phoné* que se irradia, que toca com os raios dos fonemas o cerne de outro ser, repercute como símbolo: sinal de reconhecimento entre as *personas* que acende no ato de cada elocução o ascender de fagulhas do iluminativo que se manifesta no palavrear como um re/velar, um des/vendar. Sílabas tanto é a ação de conceber como uma combinação. Se concepção é a ação de conter, então o encerrar sentidos em um feixe de sons que se com/binam caracteriza-se como uma marcação de sinais em uma união. Se o silabário ressoa como simbólico que ecoa o unívoco, no entanto, somente quando se separa do acordar sancionado possibilita-se ecoar o múltívoco. Este é o fazer do poetar: semear, produzir acordes que destituam o inequívoco para que no comparecente da aparição do símbolo dissemine-se não a segurança mas a inquietação, o desassossego e a agitação a soar.

Assim como no revelar vige o velar, no desvendar o vendar, o iluminamento pela *poiesis* se dá não pela via da lógica excludente, mas converge o divergente em um complemento indissolúvel de seu próprio oponente. O fazer poético constitui-se como nascente de sentidos não apreensíveis pela cognição que se guia pelo conduzir retilíneo cujo *télos* seja somente a dilucidação enquanto um desenrolar, desenredar, desembaraçar, um concluir. Os atributos definitórios e classificatórios que conformam os ditames e determinações de um saber alicerçado no cercear da imaginação, cuja tenção seja a destituição de qualquer sabor, não se constituem como propriedades intrínsecas ao dizer poético. Este se qualifica pela *in/exatidão* em que há de se con/vir um con/viver em que o conjugante seja: a tensão, o ambíguo, o dúbio, o dubitativo, o flutuante, o hesitante, o incerto, o indeciso, o indefinido, o indeterminado, o nutante, o oscilante, o titubeante, o vacilante, o vago e o vário. Neste multifário condizer aniquila-se qualquer motivação que impeça o dizer poético de se conter no recôndito, não como recolha, mas enquanto encerrado em um ponto concludente. Deste modo o verbo há que delirar... Não ser ancilar da razão que rege rigidamente o ocidente a conduzir nosso agir torna-se então promessa propulsiva de um incessante pulsar mais que o que se conhece como *pensar* . Deixar este de ser um pesar para ser um contro/verso pensar ainda assim torna-se instância apenas da *ratio* . O poetar, enquanto um pro/duzir diverso do *utilitário* de acordo com a concepção platônica diverge do *modus operandi* para restituir aquilo que é próprio não apenas ao poeta, mas pertencente à

imanência do ser: a linguagem em sua origem.

Se poesia é voz de fazer nascimentos, de aparecimento do que vem ao mundo, do acontecer, a concepção disso se gera em um despontar que ultrapassa o inventável. O possível de ser inventado é causação do realizável que se envencilha ao factível. A *poiesis* excede a vigilância que a inteligência exerce sobre o imaginar e engendra no próprio ventre do inventariável o divagar do devaneante. A vagueação não esma nem estima um conluimento epilodal, mas se consubstancia em um eterno retornar a um começo que persevera na permanência do inaugural. Desalinha-se assim do sulcar lineal obedecente à razão aprisionada ao siso, ao bom senso, ao juízo e convizinha-se em conluio com o designado delirioso. O delíquio da razão é tido, então, como um delinqüir por não excluir o paradoxal e nem ser advocatício do que adere em inconsciente obediência à coerência. A conexão do que é coesivo há que congeminar o que é díspar, desigual e diferente. Só assim há de ser humano o ser não mais sujeito.

Poema é o lugar onde a gente pode afirmar que o delírio é uma sensatez (RAQC).

Livros de Manoel de Barros citados nos texto:

CUP – *Compêndio para uso dos pássaros*

GA – *O guardador de águas*

LI – *O livro das ignoranças*

RAQC – *Retrato do artista quando coisa*